

CABELLO

Um jornal ataca Benjamin Cabello, ex-chefe da COFAP, lembrando o negócio do milho e também o da carne. Só neste último o prejuízo do Tesouro teria sido da ordem de vinte e três milhões.

Quando Cabello assumiu aquêle cargo eu fiz uma crônica pessimista e amiga, dizendo que êle era um sujeito decente e ia se meter em um negócio ruim; que no fim de algum tempo êle seria demitido pelo sr. Vargas e ficaria com o nome xingado. Eu tinha razão. Êle foi atacadíssimo — e agora mesmo um jornal o convida para “pagar o prejuízo” de 23 mil cêntos...

Uma comissão parlamentar de inquérito estudou detida e longamente êsse negócio da carne e chegou à conclusão de que o sr. Getúlio Vargas não podia fazer o que fez, mandando entregar sem nenhum respeito pelas regras da lei uma importância enorme à COFAP para intervir com rapidez e violência no mercado da carne, de maneira a atender a uma situação aflitiva do abastecimento do Rio. O sr. Vargas deu essa ordem com a boca torta pelo velho uso de seu cachimbo de ditador. Mas a comissão, depois de interrogar detidamente Cabello e de examinar as suas contas, fez questão de ressaltar a sua honestidade pessoal. A verdade é que nem um tostão daquela fortuna discricionariamente posta em suas mãos foi parar em seu bolso. Cabello saiu da COFAP tão pobre como no tempo em que entrou, talvez com alguns “papagaios” a mais nos bancos da praça.

Vocês me dirão que a honestidade é um dever primário de quem lida com a coisa pública e portanto não merece nenhum elogio pessoal. Está bem; mas não neste lugar, não neste governo, não nestes tempos. Não creio que em nenhum período da história do Brasil tenha acontecido uma tal orgia de ladrocinhas como neste último (esperemos que seja o último dos últimos!) governo Vargas. Sob o olhar complacente e esperto do ex-ditador, seus parentes, seus amigos e seus correligionários lavam a égua; fazem o que podem e o que não podem com os dinheiros públicos. Banco do Brasil e Cexim, Banco da Prefeitura e SUMOC, tudo funciona nessa orgia de empréstimos de mãe para filho, de comissões escandalosas: enquanto o dinheiro dos ágios não começa a ser derramado pelos fazendeiros para incrementar o cultivo de eleitores, já chacoalham as fichas do jogo que alimenta as caixinhas.

Dinheiro da previdência social, dinheiro do imposto sindical, até êsse dinheiro que devia ser mais sagrado mais do que todos, porque é “tungado” diretamente do salário do trabalhador — tudo, nesta República Vargas, é instrumento de política e de corrupção.

Não acho demais, portanto, fazer uma crônica não para elogiar meu velho amigo Benjamin Cabello, um gaúcho de costeletas e chapéu de aba larga, mas apenas pedindo licença para, sem fazer mau juízo de outros que porventura haja de mãos limpas, dizer aqui, apontando-o na rua: “êsse não roubou”. — R. B. 21/2/54